

A LUDICIDADE EM INTERFACE COM AS SENSações, TEXTURAS, CORES E SONS COM BEBÊS

Sára Maria Pinheiro Peixoto¹
Ana Aparecida Tavares da Silveira²
Fabyana Soares de Oliveira³
Marcilene França da Silva Tabosa⁴
Maria Aparecida Dias⁵

RESUMO

Concebendo o trabalho com bebês, considerando a sua adaptação/inserção como um processo primordial a entrada da criança a instituição de Educação Infantil, este artigo objetiva explicitar como se dá essa vivência, destacando o corpo na infância como centro do processo de interações através de atividades significativas em uma turma de Berçário II, que compreende crianças com faixa etária de 1 ano a 2 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAP/UFRN. Pensar esse momento é poder partilhar responsabilidades, considerando que os bebês têm uma história de vida, vivenciam desde cedo e que estão imersos em grupo social. Assim, procuramos pelo viés da pesquisa explicativa compreender como se dá esse processo encadeado por uma epistemologia do corpo através de vivências e experimentações de sentidos e significados. Com o estudo foi possível observar que cada sujeito se (re) cria o tempo todo a partir de seus atos, de suas experiências vividas, uma vez que o corpo fala o tempo todo. Dessa forma, entendemos que a aprendizagem na escola da infância circunda toda a extensão de sua corporeidade, considerando que não há aprendizagem sem vínculo, sem afeto e o lúdico é essencial para isso.

Palavras-chave: Bebês, Infância, Corpo. Experimentações.

INTRODUÇÃO - ABRINDO O DIÁLOGO

Aguçamos a entrada desta introdução com essa cantiga diária “Bom dia”, cantiga esta, que abre nossas manhãs com as crianças do berçário quando iniciamos o momento da nossa roda de conversa e com essa mesma cantoria, vos convidamos para dialogarmos sobre esse projeto de trabalho desenvolvido com as crianças do Berçário do ano de 2019, do Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP/UFRN.

O projeto de trabalho intitulado “Uma interface com as sensações, texturas, sons, cores e movimento”, culminando na escrita deste artigo, tendo sua precedência durante o processo de

¹ Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e Professora do Núcleo da Infância – NEI-CAP/UFRN, sarinha27@gmail.com

² Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e Professora da Secretaria Municipal do Natal –SME/Natal/RN anatalats@gmail.com

³ Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte –IFRN, fabyanaoliv@yahoo.com.br

⁴ Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e Intérprete de Libras no Instituto Federal do Rio Grande do Norte –IFRN, marcy.s20@gmail.com

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN e Professora Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, cidaufrn@gmail.com

adaptação/inserção desses bebês, que adentravam em suas primeiras experiências de vida escolar.

Toda a intenção educativa para este projeto fora pensada cuidadosamente e planejado pelas professoras e suas respectivas auxiliares, como uma forma de contribuir nessa “chegada” a instituição com um processo permeado de tranquilidade, segurança e ludicidade, etapa essa essencial para nossas crianças, prezando pelo acolhimento, afeto e o bem-estar de todos.

O Núcleo da Educação da Infância, é uma instituição pública que funciona como um Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN e ao Centro de Educação – CE, atendendo crianças desde o Berçário 2 até o 5º ano do Ensino Fundamental. A instituição desenvolve um trabalho pedagógico considerando as especificidades das crianças e suas infâncias, através de experiências de sentido e significado, tendo como embasamento epistemológico os eixos norteadores: interações e brincadeiras. (BRASIL, 2010). Pensar esse momento é partilhar responsabilidades, considerando que os bebês têm uma história de vida, vivenciam experiências e que estão imersos em grupo social.

Partindo das concepções de Balaban (1988), será um momento permeado de emoções diversas que além de envolver o desconhecido, o estranhamento, será vivenciado por cada sujeito de uma forma bem única e particular. Assim, este artigo intenciona responder ao questionamento: como as crianças podem conhecer/explorar esse mundo novo, estabelecer interações entre os pares, sem conhecer a si e o outro se não for pelas relações com o outro, pelo toque, pelo afeto, tendo o corpo como sua principal manifestação, considerando este, a nossa maior forma de ser e estar no mundo em um processo simbiótico de relações, trocas, experiências e histórias vividas. (PEIXOTO, 2019).

Acreditamos que as crianças bem pequenas são sujeitas eminentemente afetivos, emocionais e corporais, e nós enquanto professores, devemos estar atentas a essas diversas linguagens e promover um ambiente rico de vivências e experiências ricas de ludicidade, instigantes e desafiadoras.

Frente às questões até então explanadas, evidenciamos os aspectos que norteiam esse relato de experiência, sobre o projeto apresentado vivenciado na turma de bebês (um a dois anos de idade), do turno matutino do Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN⁶), durante o primeiro semestre de 2019, tendo como objetivo geral contribuir no processo de adaptação/inserção dos bebês e com objetivos específicos: ampliar o repertório de expressão oral e corporal; vivenciar diferentes possibilidades de experimentações e expressões com o

⁶ Para maiores informações sobre a instituição, acessar: www.nei.ufrn.br

corpo; conhecer a si, para poder conhecer o outro; valorizar e ampliar suas possibilidades corporais, emitindo sentimentos, impressões sobre si e o seu corpo.

Para a apresentação de nossos dados e suas respectivas análises, nos ancoramos pelo viés da abordagem qualitativa, por depreender que os dados obtidos no espaço educativo são repletos de singularidades referentes aos sujeitos envolvidos e suas relações estabelecidas entre o meio, imbricados durante todo o processo e suas contribuições no fazer educativo. (OLIVEIRA, 2016).

Na tentativa de atender as respectivas intencionalidades, assumimos como procedimentos metodológicos a pesquisa explicativa, compreendendo-a como procedimento substancial na sua efetivação e para a realização do Projeto de Trabalho em questão na tentativa de estabelecer um encadeamento com a problemática, os objetivos propostos junto a epistemologia, por meio de vivências e experimentações. (GIL, 2008).

Apresentamos brevemente essas premissas introdutórias, damos continuidade pelos aspectos epistemológicos e metodológicos que norteiam nossos saberes e fazeres, ilustramos com a apresentação de três atividades didáticas trabalhadas com os bebês, expomos os desdobramentos desse estudo bem como os resultados desprendidos e por fim tecemos as considerações e as referências que nos ampararam na constituição deste artigo e que muito contribuíam para que essa experiência fosse a mais deleite e aprazível com nossas crianças.

1. NO UNIVERSO DAS EXPERIMENTAÇÕES

Nós professores, enquanto instituição NEI/Cap/UFRN, apostamos na forma lúdica de desenvolver o trabalho porque a ludicidade fornece à criança a possibilidade de promover a autonomia, identidade e cooperação da criança, como também, sua liberdade criadora provida de descobertas e manifestação de emoções pelos caminhos da experimentação que é elementar na infância de nossas crianças. Sob esse entendimento, não temos como conhecer o corpo sem vivê-lo, sem oportunizar experiências corporais que a criança possa explorá-lo das mais diversas formas possíveis e imagináveis.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, BNCC, 2017), documento de caráter normativo para as redes de ensino de instituições públicas e privadas, no que se refere à elaboração dos currículos e propostas pedagógicas para a Educação Infantil, nos diz que

Explorar o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos, impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos em seu entorno, estabelecem relações,

expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se progressivamente, conscientes dessa corporeidade. (BRASIL, 2017, p.36)

Para que essas experiências possam ser materializadas em seu fazer docente, o corpo precisa ser primeiro compreendido por esse professor da Educação da Infância, como falar e viver um corpo sujeito se o próprio professor não aprender a conhecer seu próprio corpo e essa relação simbiótica? De fato, para que isso seja preciso, o corpo precisa estar no centro do processo pedagógico e sobretudo, considerado na interação cotidiana entre os sujeitos, o meio e na relação entre os pares (PEIXOTO, 2019).

Falando de bebês e considerando suas especificidades e das crianças bem pequenas, é partir de uma concepção que são sujeitos ativos, que interagem, se relacionam, vivem imersos em um mundo cultural, com histórias, com ritmos e preferências. Para Barbosa (2010, p.2), “os bebês possuem corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e de forma bem particular estes elementos se articulam e vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história”. Foi partindo desses e de outros enunciados que buscamos desenvolver um trabalho lúdico com as crianças do Berçário, no sentido de oportunizar as mais diversas experiências e atividades significativas, promovendo interação, trocas, descobertas e aprendizagens. Uma outra forma de estar oportunizando às crianças do berçário é o contato com as atividades significativas que são situações pensadas e organizadas com sentido e significado para o grupo.

Acreditamos que esse é o papel da Educação Infantil, oportunizar, criar possibilidades com o real, concreto, imaginário e o imaginário, onde se estabeleça diversas formas de elaborar e reelaborar descobertas e significados, oportunizando a criança o contato com o mundo natural, social, contribuindo para o seu desenvolvimento pleno.

1. Situações-didáticas: A piscina de bolinhas

Para atendermos e conhecer os pequenos que adentravam esse novo espaço, organizamos um espaço acolhedor, agradável e atrativo que possibilitasse o despertar da curiosidade das crianças e o explorar os diversos espaços da sala de referência.⁷ Montamos uma piscina grande no centro da sala, cheia de bolas coloridas de diversos tamanhos e de diferentes materiais: plásticos, tecidos, borracha, etc.

⁷ Denominação dada ao espaço da sala de aula da instituição.

A atividade tinha como objetivo contribuir com o processo de acolhimento dessas crianças, de modo que as crianças tivessem os primeiros contatos com o seu corpo, com o corpo do outro, demonstrando autoconhecimento, cuidado com este, de modo que as crianças fossem progressivamente explorando diversos movimentos e sensações com relação ao seu corpo e ao espaço.

Um das crianças eram mais curiosas e adentravam na piscina de bolas com todo envolvimento e deleite, outras ainda em processo de se sentir seguras, tinham mais receio, mas demonstravam o desejo de entrar. Conforme as mesmas iam se sentindo mais seguras e confiantes, iam propondo desafios de entrada e saída da piscina, de esconder objetos dentro da piscina, para que objeto fosse encontrado. E outros desafios eram propostos respeitando as particularidades de cada um.

Com essa atividade promovemos as mais diversas experiências com as sensações e texturas. Oportunizamos o contato com materiais lisos, duros, moles e ásperos durante nossas conversas na roda e atividades de produções coletivas e individuais. Proporcionamos atividades de toque, de contato de olhos vendados (a criança que se sentisse confortável), explorando objetos da sala de aula, objetos no cubo da percepção, a exploração do nosso corpo, no corpo do outro.

2. Situações- didáticas: O tapete sensorial

Tivemos a oportunidade de confeccionar o “tapete das sensações”, onde a criança teve a oportunidade de tocar, andar e rolar sobre as diversas texturas que customizamos nas áreas do tapete: lixa, cd’s, madeira, pedrinhas, amoebas, bombрил, borracha, celofane, tampinhas, penas, tecidos, palhas, lãs, canudos e botões.

As atividades e brincadeiras foram bastante valorizadas, promovendo esse contato com o outro, consigo, com objetos diversos e o mundo exterior. Tivemos ainda a oportunidade valorizar a escuta de cada um que estava com sua linguagem oral se estruturando, colaborando para que as crianças mais tímidas e inseguras fossem acolhidas em seus sentimentos.

O papel das professoras é primordial nessa observação detalhada, do que as crianças estavam interessadas ou não, promovendo um ambiente de instigação, curiosidade com as intervenções necessárias. A mediação do professor respalda-se em um olhar atento a essa diversidade de contato, favorece o processo da interação, participando ativamente na complementação das ações das crianças, atribuindo-lhes novos sentidos e possibilidades desta ação. Ativo, aqui parte da premissa que não é intervir diretamente, oferecendo aos bebês tudo

pronto, nos referimos aqui a ofertar um olhar atento e encorajador para que as crianças se sintam mais seguras e confiantes em suas descobertas. (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

3. Situações- didáticas: Que som é esse?

Sabemos que a música exerce um papel fundamental nessas aquisições iniciais, pois além de cantar e encantar, estimula a percepção dos sons e rimos que fazem parte do nosso cotidiano. Explorar a atividade musical deve ser permeada de vivências lúdicas, visando a percepção auditiva e visual, instigando a imaginação e a socialização e não tem como conceber estas intenções educativas sem o corpo estar no centro desse processo.

Em nossa instituição, todas as turmas desde o Berçário até a o 5º ano do Ensino fundamental, a crianças têm o momento da roda musical, conduzido pelo professor especialista em Música juntamente com as professoras de referência, um encontro por semana. De acordo com a proposta pedagógica da instituição, as crianças devem ter a oportunidade de sentir, apalpar, brincar e desfrutar das mais diversas linguagens, em vivências expressivas e criadoras, estimulando sempre suas capacidades. (NEI, 2019, NO PRELO).

Trouxemos primeiramente as canções dos repertórios deles “Dona Aranha”, “Pintinho Amarelinho”, “O sapo”, etc. e com isso fomos trazendo os instrumentos para que as crianças fossem explorando as músicas conhecidas o som do guizo, do metalofone, o movimento das maracas, criando assim, um contato mais íntimo, crianças mais soltas e seguras, e aos poucos fomos ampliando os desafios na roda de música.

Tivemos a oportunidade de trabalhar com o “paraquedas”⁸, onde colocamos uma estrelinha do mar, e tínhamos que movimentar esse paraquedas de acordo com o movimento do mar, que era simbolizado pelo som da música. Sobre o mar, havia uma estrelinha do mar, e tínhamos um objetivo: não podíamos deixar a estrelinha cair em terra, para isso, era preciso envolvimento com o corpo em planos alto e planos baixos.

Brincando e se movimentado, as crianças produzem sons e assim, nasceu a música, o encantamento, o corpo como processo dessa fruição. As crianças se deslumbraram com essa atividade lúdica e encantadora, elas tinham prazer quando o mar estava agitado e a estrelinha caía na terra, assim, a curiosidade era movida por esse desejo.

A esse respeito, Brito (2008), nos afirma que é um momento em que os pequenos se conhecem, se saboreiam e aprendem as diversas possibilidades do corpo em movimento, uma

⁸ Tecido colorido circular para as crianças movimentarem

forma desse corpo estar no mundo, estabelecendo sensações, prazer, desprazer, os gostos e desgostos fazem parte dessa corporeidade, pois o corpo é fonte de autoconhecimento. (BRITO, 2008).

Brincando, se movimentando, produzimos sons e com isso, estimulamos a musicalização, que está presente na vida do bebê desde o processo intrauterino com sua a figura materna e os sons do ambiente. A música é uma linguagem e ela perpassa pelo corpo, cujo conhecimento vai se consolidando com base nas vivências e reflexões mediadas (BRITO, 2008).

4. Situações- didáticas: O mundo das texturas

Oportunizamos ainda aos nossos bebês diferentes materiais: tintas industrializadas, colas, hidrocor, lápis, piloto, giz de parede, a novidade que emergia nessa experiência eram as tintas naturais. Organizamos um momento onde os bebês eram os coprodutores de tintas naturais, com receitas simples a base de água e cola e alguns alimentos para dar cor a esse momento: cenoura, couve-folha e a beterraba.

Ainda nesse momento rico em ludicidade oportunizamos novamente outro contato com as tintas naturais, trabalhando com a experiência “Carimbando com as batatas”, uma outra experiência que encantou os nossos pequenos artistas. Apresentamos a batata em diversos formatos (peixe, coração, flor, estrela) e as crianças tinham mais uma oportunidade de explorar além das tintas a textura e tamanhos distintos das batatas.

Oferecer às nossas crianças o brincar com tinta e os mais diversos materiais é poder proporcionar uma atividade sensorial que favorece as mais diversas experiências de aprendizado, explorando as mais diversas sensações táteis, sabendo que nessa faixa etária as crianças exploram tudo. A esse respeito, Ortiz e Carvalho (2012, p. 126) nos diz que

O professor é aquele que proporciona a diversidade das experimentações para que as crianças possam ter vivências sensoriais, entrar em contato e se apropriar dos diferentes materiais existentes, saber como funcionam, seus usos, seus efeitos de sua ação sobre eles, os gestos e movimentos que conseguem produzir com o uso destes materiais, ou seja, os materiais artísticos precisam ser explorados como outros quaisquer.

Deve se ter a clareza que é uma atividade sempre mediada pelo adulto, para que as crianças consigam estabelecer relações entre causa e efeito. Com esse tipo de experiências, temos que permitir o processo da experimentação, mais do que os resultados “estéticos”. O

contato com a diversidade de materiais perpassa para a construção de um conhecimento mais dinâmico, significativo e contextualizado com as mais diversas linguagens. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Com essas experiências pudemos ver quanta riqueza pode ser contemplada nesse momento, sobre esses corpos que emanavam um desejo curioso de ludicidade e aprendizado. O banho de gelatina não encerrava por aí, pudemos ainda garantir o banho de chuveiro e balde com essas crianças, e cada qual se deliciava à sua maneira.

[...] As crianças estavam encantada com tamanha ludicidade. Ali só se havia espaço para aqueles rostinhos felizes e de contentamento, vários corpos vividos e aprendentes, cada corpo ali era sujeito de sua expressão vivida. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)

Vimos que todas essas experiências contribuíram e se articularam para a autonomia e segurança do bebê, marcado pela imersão desse mundo simbólico, como um processo contínuo de dar e criar sentidos e significados, estabelecendo relações de acesso ao outro, ao mundo, passando primeiramente pelo próprio sujeito, o seu corpo.

APRECIÇÕES FINAIS

Após a feitura deste artigo pelo viés da abordagem qualitativa e da pesquisa explicativa, procuramos a todo momento desenvolver uma relação dialógica e dialética, promovendo o encontro das experiências vividas com o encontro desse corpo, construindo essa cadeia discursiva, em uma relação de sentidos e significados à prática docente. Foi realmente uma travessia de grandes mediações, descobertas, encantamentos e aprendizados, mas não tinha como falar de corpo sem vivê-lo em toda sua plenitude, principalmente explorar esse corpo em um grupo de bebês, que estão imersos em mundo inteiro ainda a se descobrir.

Não podíamos nos deter apenas na organização do espaço físico para acolher esses bebês, mas pensar em ações intencionais que oportunizasse, o desenvolvimento dos mesmos, em uma relação simbiótica que além de considerar os materiais disponibilizados, o ambiente acolhedor, os tempos e os espaços, permeasse as interações entre os pares e o professor no papel de mediador.

Procuramos com esse Projeto de Trabalho, apresentar situações considerando o corpo enquanto experiência, percepção, sentido e significado sob a compreensão que não existe um gesto humano, mesmo que distraído ou intencional, uma palavra dita, um silêncio dado que não tenha uma significação. (MERLEAU-PONTY, 1999).

O autor nos traz ainda a reflexão que professor precisa sensibilizar sua prática pedagógica por caminhos que considere o corpo em movimento sempre e não o movimento do corpo, assim, não se trata de usar o corpo como instrumento, mas como processo inteiro.

Apostamos sim, que as instituições escolares precisam oportunizar situações ricas permeadas de ludicidade, de interação entre os seus pares, vivenciando o corpo, enquanto gesto, percepção, movimento, linguagem, música, arte. Podemos dizer que não aprendizagem que não esteja no corpo.

A criança precisa de um espaço privilegiado para que ela viva intensamente sua corporeidade, experimentando a liberdade de expressão do seu corpo. (FOUCAULT, 2013). A Educação Infantil é esse espaço rico de possibilidades, da reflexão sobre a dimensão da prática pedagógica no sentido da concretização de um espaço produtivo e comprometido com a criança, com seus anseios, interesses, particularidades. Assim, entendemos que a aprendizagem na escola da infância circunda toda a extensão de sua corporeidade.

Todas as experimentações sentidas e vividas foram permeadas com elementos de manifestação de sentidos, de encantamento, contribuindo para o desenvolvimento da criança quanto aos aspectos além de sociais e cognitivos, aspectos emocionais e afetivos. Não há aprendizagem sem vínculo, sem afeto e o lúdico é essencial para isso.

REFERÊNCIAS

BALABAN, N. **O início da vida escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em Movimento**. Perspectivas Atuais: Belo Horizonte, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil**: Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 12 ago 2019.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 41.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2016.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, M. T. Venceslau. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações).

PEIXOTO, Sara Maria Pinheiro. **O corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil**. 189f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Educação. Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação. **Proposta Pedagógica**. Natal, (2017, no prelo).